

# **Leslie Allen, Ezequiel, Palestra 7, Jerusalém Condenada, mas Eventualmente Restaurada, Ezequiel 14:12-16:63**

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen e seus ensinamentos sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 7, Jerusalém condenada, mas eventualmente restaurada. Ezequiel 14:12-16:63.

Continuamos nossos estudos em Ezequiel chegando ao capítulo 14, versículo 12, e avançando para o capítulo 16. 14:12 na verdade é, se você passar de 14:12 para 15:8, esta seção terá duas subseções. Não, o que realmente estou dizendo é que 14:12 a 15:8 é uma subseção, e outra longa é o capítulo 16.

Mas em 14:12 a 15:8, temos duas mensagens, e podemos dizer isso por causa daquela fórmula que marca seções separadas. 14:12, a palavra do Senhor veio a mim, e então 15:1, a palavra do Senhor veio a mim. E há um sinal de começos separados.

Mas também existem finais paralelos. Se olharmos para o capítulo 14, temos a fórmula de reconhecimento no versículo 23, e você saberá que não foi sem motivo que fiz tudo o que fiz nele. E esta é uma variação de você saberá que eu sou o Senhor.

E esta última fórmula é o que encontramos no capítulo 15 e versículo 7. Portanto, essas são as duas subseções nesta primeira metade de nossa seção geral. Não é de surpreender que o conteúdo de 14:12 a 15:8, estas duas mensagens, seja a inevitabilidade da queda de Jerusalém e o destino dos seus cidadãos. E por causa da fórmula de reconhecimento, quando estas coisas acontecessem, seria uma prova, uma evidência concreta da intervenção punitiva de Deus.

Do versículo 13 do capítulo 14 em diante até o capítulo 20, há um argumento apresentado. Apresenta quatro casos hipotéticos. E está dizendo, suponha, suponha, suponha, suponha, quatro casos hipotéticos.

A primeira é supor que uma nação agiu infielmente contra Deus, e Deus enviou uma fome providencial que matou pessoas e animais. Suponhamos que houvesse três pessoas santas, pessoas justas, que intercederam junto a Deus para impedir que isso acontecesse. E temos uma menção, no versículo 14, de Noé, Daniel e Jó.

E esta pessoa intermediária, em oposição a esses dois personagens antigos de Noé e Jó, a pessoa intermediária, Daniel, aqui parece ser o rei bom e sábio, conhecido por

nós como Danel nos textos cananeus, tão igualmente antigos. Mas suponhamos que eles intercederam junto a Deus para impedir que isso acontecesse. Bem, neste estudo de caso, eles não conseguem além de salvar suas boas vidas, suas próprias vidas, porque são boas vidas, são boas pessoas.

A mente de Deus está decidida e em bases razoáveis, porque eles são pessoas sem fé como um todo. Portanto, esse é o primeiro caso hipotético sobre esta nação sem fé e qual deverá ser o seu destino. Seu destino é certo e imutável.

E então chegamos nos versículos 15 e 16 a outro argumento. Suponhamos apenas que essa nação pecaminosa seja invadida por animais selvagens, que causam não só destruição, mas perigo para os habitantes. E então? Bem, que tal intercessão? Mais uma vez, a intercessão não tem chance quando os animais selvagens representam o julgamento fixo de Deus.

Há uma nota comovente introduzida aqui nos capítulos 15 e 16, mencionando a impossibilidade de salvar filhos ou filhas, filhos ou filhas. E é deliberadamente comovente porque aponta para os 597 prisioneiros de guerra, e muitos deles deixaram para trás familiares, que estariam envolvidos se Jerusalém caísse. Eventualmente, esses filhos e filhas seriam envolvidos e morreriam? Eles morreriam? E aqui, bem, não há esperança para eles, na verdade.

A mensagem implica que os prisioneiros de guerra não poderiam reivindicar que os seus filhos fossem poupados. Nenhuma dessas garantias poderia ser dada. E assim, um aspecto interessante e comovente desse argumento específico.

E depois de 17 a 18, outra suposição. E se houver um ataque militar? E o mesmo cenário se desenrola neste jogo de hipóteses. E mais uma vez, esta menção sombria de filhos e filhas que não foram salvos.

O último é a peste ou praga, e isso vai de 19 a 20. E nenhum filho ou filha foi salvo. E aí estamos nós, ansiosos pela queda de Jerusalém e pelo fim dos seus habitantes.

Muito sombrio. Mas então, de 21 a 23, é introduzido pela fórmula do mensageiro. E então, estamos passando para outra mensagem, na verdade.

Assim diz o Senhor Deus. Mas é uma continuação porque diz: quanto mais? Essas suposições, bem, serão ainda piores se você realmente localizar esta situação em Jerusalém e em um povo infiel de Judá. Deus menciona quatro atos mortais de julgamento, espada, fome, animais selvagens, e atos de julgamento, espada, fome, animais selvagens e pestilência para exterminar humanos e animais.

Mas faz uma concessão. Eu ouvi sua preocupação; Deus está dizendo para esses filhos e filhas. E haverá filhos e filhas vindo para o exílio.

E você pode pensar, ah, sim, troféus da graça. Oh, que maravilha que eles tenham sido poupados, afinal. Você sabe, eles não mereciam isso.

Assim como aquelas pessoas que morreram não mereciam. Mas como é maravilhoso termos nossa família reunida novamente. Louve o Senhor.

Mas há um cenário diferente agora. Porque aqueles filhos que vêm, eles vêm como testemunhas da destruição de Jerusalém, sim, e de Judá. Mas também vêm como testemunhas da infidelidade de Judá.

E eles vão contar histórias de como isso aconteceu porque o povo se rebelou contra Deus. E assim estes prisioneiros de guerra de 597 seriam forçados a aceitar a queda de Jerusalém como moralmente justa. E eles admitiriam a lógica espiritual por trás disso.

Eles teriam que aceitar o acontecimento impensável e compreender que isso tinha que acontecer. Eles seriam forçados a acrescentar o seu próprio amém a estes acontecimentos terríveis que durante tanto tempo negaram que alguma vez aconteceriam. E assim, é claro, aqui nesta mensagem geral, há novamente uma negação de falsas esperanças de que os prisioneiros de guerra iriam em breve regressar a casa e à sua terra natal.

Não não. Se tiverem sorte, alguns sobreviventes irão até eles e talvez até mesmo seus próprios familiares. Mas mesmo isso não será um reencontro feliz.

Haveria infelicidade nas histórias que aqueles filhos e filhas tinham para contar. No capítulo 15, chegamos a uma mensagem separada. E em vez desses argumentos, daqueles argumentos hipotéticos, aqui há uma metáfora que os atravessa.

E é uma metáfora que remonta à vinificação e ao cultivo da vinha. E você diz, bem, por que você cultivaria a videira? Bem, você queria as uvas. Mas havia outra utilidade porque depois da vindima era preciso fazer podas.

E havia um uso para a madeira da videira. Essas podas de videira seriam cuidadosamente recolhidas e colocadas em feixes. E seriam usados como combustível para cozinhar e comer.

E isso seria tão bom. Mas, na verdade, esse era o único uso que você poderia dar àquela madeira. Você não poderia fazer mais nada com isso.

Você não poderia fazer móveis com isso. Mas você poderia colocá-lo no fogo e cozinhar sua comida nele. E então aquelas vinhas foram podadas, mas as podas não foram jogadas fora.

Eles seriam usados como lenha. Não tinham outro uso prático, mas serviam para alguma coisa, para o fogo. E, claro, o que está sendo feito aqui, eles têm a aplicação no versículo 6, como a madeira da videira entre as árvores da floresta, que eu dei ao fogo como combustível para que eu abandonasse os habitantes de Jerusalém.

Eles serão minha lenha. E vou jogá-los no fogo. E quando os babilônios atacarem e incendiarem aqueles edifícios de madeira, eles ficarão presos e morrerão também.

O fogo os consumirá. E então você saberá que eu sou o Senhor. Tornarei a terra desolada porque eles agiram sem fé.

E há aquele quadro que temos. Estas duas mensagens, 14:12 até 15:8, começam com esta suposição sobre uma terra pecando por agir sem fé no versículo 13. E então termina na mesma nota.

Tornarei a terra desolada porque eles agiram sem fé. Portanto, deve ser usado um enquadramento cuidadoso em torno destas duas mensagens separadas, ambas contendo a mesma mensagem da queda inevitável de Jerusalém e do seu povo. Mas então chegamos ao capítulo 16.

E é uma leitura longa, o capítulo 16. É o capítulo mais longo do livro de Ezequiel – e é uma mensagem bastante nova.

O que faz, é preciso uma metáfora e vai para a cidade com ela. Ele realmente o desenvolve e amplia detalhadamente. E então é aplicado a Jerusalém.

E a aplicação vem, na verdade, no versículo 12, antes da metáfora. Mortal, versículo 2 do capítulo 16, mortal, dá a conhecer a Jerusalém as suas abominações e diz, assim diz o Senhor Deus a Jerusalém. E então começa a metáfora, mas é bastante óbvio que é uma metáfora relacionada a Jerusalém.

E assim, de facto, há uma mistura de metáfora e interpretação à medida que avançamos. E há isso centrado em Jerusalém. Você se lembra que houve uma ênfase na primeira parte do livro contra Jerusalém e suas falhas e a necessidade de destruição? Bem, voltamos a isso agora.

Em 14:12 até 15:8, tratava-se da terra. Houve aquele outro tema da terra na primeira parte, mas agora estamos voltando para Jerusalém mais uma vez. E tudo isso é um discurso inflamado contra a teologia de Sião.

A teologia de Sião não funciona. Parece funcionar por um tempo, mas não vai funcionar agora. Você já passou disso.

Você foi além e isso não pode mais funcionar para você. E temos a imagem de uma esposa infiel que é punida. Mas é muito mais do que isso.

Porque, na verdade, à medida que o capítulo avança, você vê que ele se divide em duas seções principais e, eventualmente, você chega a uma mudança na maré dentro deste mesmo capítulo. E assim, a maior parte do capítulo está obviamente olhando para frente ou para 587, mas em certo ponto, você está olhando para trás. Você está olhando para 587 e há uma mensagem de salvação.

Esta não é apenas uma mensagem de julgamento desta forma literária do capítulo; é passar para uma mensagem de salvação. E assim, o versículo 53 dirá: restaurarei a sorte deles. Eu restaurarei suas fortunas.

E isso inclui Jerusalém. Falando de três cidades, incluindo Jerusalém, restaurarei a sua sorte. E assim, olha para além do grande desastre de 587.

Algumas das mensagens de Ezequiel no início do livro já levam em conta o que acontecerá depois de 587. E historicamente, elas parecem pertencer à nova mensagem que Ezequiel poderia trazer depois de 587. Mas aqui, ela é colocada de volta como um suplemento.

Ezequiel conseguiu escrever um suplemento. Houve um final feliz ou um final relativamente feliz, devo dizer, porque Ezequiel gosta de trazer esse julgamento com um J minúsculo quando fala sobre seus oráculos de salvação na primeira parte do livro.

De qualquer forma, é certamente uma mensagem mais positiva que a do primeiro tempo. E Jerusalém é abordada retoricamente do começo ao fim. Sua origem, seu nascimento, seu pai, sua mãe.

E este é um discurso retórico. E realmente, nesta primeira parte, são os 597 prisioneiros de guerra que estão ouvindo o que Ezequiel diz. Agora, quando há um oráculo de julgamento, estávamos dizendo outro dia que ele tende a se dividir em duas seções principais.

Pode ser apenas falar sobre punição. Mas, mais comumente, começa com uma declaração de acusação que justifica o julgamento. E muitas vezes também há um portanto que liga a acusação ao castigo que está por vir.

Mas ocasionalmente, um oráculo de julgamento vai além disso. Ou melhor, acrescenta um novo começo. E isso acontece, por exemplo. Um exemplo é o cântico da vinha de Isaías no capítulo 5, onde Judá é a sua vinha, certamente, e será derrubada.

E assim, é definitivamente uma metáfora para o desastre para o povo de Judá. E há uma acusação de que nesta metáfora da vinha não produzia boas uvas. Não produzia uvas boas, mas apenas uvas pobres e murchas que não valiam a pena comer.

E isso assume a forma de acusação. E é explicado um pouco mais em termos literais. Mas antes disso, antes disso, antes do castigo, antes da acusação, vem uma passagem extra, que fala do cuidado de Deus derramado sobre aquela vinha.

E assim fala da vinha que o dono cavou e limpou de pedras, plantou vinhas seletas, construiu no meio dela uma torre de vigia, escavou nela um lagar de vinho. Ele esperava que produzisse uvas. Mas então a bomba da acusação rendeu uvas silvestres que não valiam a pena comer.

Mas há esse prefácio deliberado para que quando você chegar à acusação, e quando você pensar nisso além da metáfora, seja como um tapa na cara. Depois de tudo o que Deus havia feito por seu povo, ele imaginou que eles dariam meia-volta e não produziram o fruto da aliança que ele desejava. E essa é a mensagem.

E então outro caso, claro, ainda mais conhecido, está na narrativa de Gênesis 2 e 3. No capítulo 3 de Gênesis, temos a acusação de que o castigo foi expulso do jardim, e assim por diante. Mas logo no início, obtemos as coisas lindas que Deus fez por Adão e Eva. Ele providenciou um jardim para eles.

Ele forneceu comida para eles. Ele forneceu água. Era um lugar de pedras preciosas.

Deus fez tudo por eles. E foi uma vida maravilhosa. E ainda assim houve um tapa na cara que eles se viraram e o desobedeceram.

E então, estes são dois casos. Aqui temos um terceiro exemplo no capítulo 16 de Ezequiel. E é uma espécie de história da Cinderela, uma ascensão da miséria à riqueza.

Aqui está uma menina indesejada que está exposta na selva, mas eventualmente ela se torna uma rainha. Então essa é a história. E diz que esta criança era uma raça muito pobre.

Seu pai era amorreu e sua mãe hitita. Sua origem, seu nascimento foram na terra dos cananeus. E é fato que Jerusalém entrou muito tarde no reino de Israel, apenas na época de Davi.

Nunca foi conquistado antes disso. Era um enclave cananeu, por isso tinha raízes no paganismo.

E então, há aquela nota de advertência: cuidado com Jerusalém. Você acha que é uma cidade maravilhosa, mas pense nessas origens pagãs. Isso te desligou.

Jerusalém contém alguns genes ruins, não é? E talvez eles se mostrem em algum momento. E este é o pensamento ao mencionar este contexto pagão. É como uma espécie de pecado original, que em algum momento vai aparecer e reaparecer.

Bem, esta menina foi abandonada logo após o nascimento e antes que uma parteira pudesse dar-lhe os cuidados habituais que um bebê teria. E ela foi exposta à morte. Mas Deus passou por ali e a resgatou, fazendo o papel de um bom samaritano.

E isso foi tão bom. Então ela não morreu. Ela prosperou sob a bênção de Deus.

E os anos se passaram e Deus a encontrou novamente. E agora ela estava sexualmente madura. E o que ele fez? Deus se casou com ela.

Ele se casou com essa linda mulher. E ele fez uma aliança de casamento. E como seu marido, ele esbanjou com ela o melhor em roupas, jóias e alimentos.

E ela se tornou uma rainha. E, claro, historicamente, a sua realeza reflecte o estatuto de Jerusalém como cidade real. Mas tal foi a graça de Deus.

Esse foi o feliz ponto de partida desta história. Mas sentimos que isso vai se transformar em algo desagradável. E assim acontece.

E em 15 a 34, agora vem a acusação. Porque Jerusalém tornou-se sexualmente infiel. Na verdade, esta esposa de Yahweh tornou-se uma ninfomaníaca.

E nos capítulos 15 a 22, a realidade por trás desta metáfora neste ponto é uma metáfora que representa a infidelidade religiosa e a importação do culto pagão na maneira como Jerusalém vivia. A religião cananéia foi adotada. Mesmo com o sacrifício de crianças, a graça de Deus foi esquecida.

Seus presentes foram generosos com outros deuses que foram seus novos amantes, então há uma falta de fé religiosa. Dos 23 aos 34 anos, a infidelidade sexual representa o envolvimento político com outras nações, com o Egito, a Assíria e, eventualmente, a Caldéia ou a Babilônia.

Jerusalém é considerada o centro da administração real. Era onde estavam os funcionários reais e era onde o governo estava baseado.

E então, a culpa foi de Jerusalém. Jerusalém controlava a política externa. E diz no versículo 20 que até os filisteus ficaram horrorizados com o comportamento ultrajante de Jerusalém.

Imagine isso. Os profetas muitas vezes viam, especialmente Isaías, os profetas muitas vezes viam as alianças estrangeiras como uma indicação de falta de confiança no Deus de Israel. E então, está aqui.

E assim, a analogia da esposa infiel é usada politicamente para se referir a envolvimento político recentes que se voltam para outras nações poderosas como se pudessem ser o salvador de Jerusalém em vez de Yahweh. Estou muito seguindo o livro de Isaías neste momento. E enquanto isso, Deus ficou irado, com razão, irado, no versículo 26.

Então, você recebe uma reação de Deus. Você se prostituiu com os egípcios, seus vizinhos lascivos, multiplicando sua prostituição para me provocar à ira. E entretanto, Jerusalém tornou-se numa perdedora, perdendo os seus bens dados por Deus como um tributo aos seus parceiros imperiais.

E então, de 35 até a primeira metade de 43, você começa com, portanto. E esse é o sinal de que estamos passando da acusação ao castigo que deve recair sobre quem cometeu o erro. E assim, há um breve resumo da acusação, retrocedendo a fita da infidelidade política para a infidelidade religiosa ao Deus de Israel.

E, ironicamente, os seus amantes políticos vão voltar-se contra ela. Em breve, eles executariam o veredicto divino por adultério. A esposa, a esposa promíscua, deve morrer, deve ser apedrejada e morrer.

E pelo assassinato de crianças porque havia aquela infidelidade religiosa que envolvia o sacrifício de crianças. E estes amantes, estes amantes estrangeiros, despojariam Jerusalém das suas roupas finas. Eles a matariam e colocariam fogo em sua casa.

Desta forma, Deus iria satisfazer a sua justa ira e a justiça seria feita. E ele responsabilizaria Jerusalém pelos seus erros. A queda de Jerusalém seria culpa de Jerusalém.

Passamos além de 43a-43b para 58. Chegou o momento em que essa mensagem de julgamento poderia ser substituída por uma nova, por uma mais positiva, diferente.

E agora ainda há uma sombra das coisas vergonhosas e ruins que agora ficam no passado. Mas esta novidade é revelada em 53 com esta afirmação positiva: restaurarei a sua sorte. E está falando de Sodoma e Samaria e Judá.

E continua dizendo, mais relevante, 53b, e eu restaurarei sua própria sorte junto com a deles. E assim, há esta estranha colocação ao lado de outras duas cidades perversas, Sodoma e Samaria. Mas há esta mensagem positiva: restaurarei a sua sorte.



E então, agora seguimos em frente. Avançamos além de 587. E o que aconteceu é em grande parte coisa do passado.

Mas ainda não é totalmente positivo. É uma característica dos oráculos positivos de Ezequiel que ele encontre espaço para algo negativo como advertência. Mas 587 vieram e se foram.

Um grupo maior de exilados juntou-se aos prisioneiros de guerra de 597. Agora chegou a hora de Ezequiel dar uma mensagem mais positiva. Mas, caracteristicamente, ele gosta de misturar promessa com desafio.

E esse desafio é o julgamento com j minúsculo. Porque todos os exilados tinham cicatrizes da sua história de infidelidade. E há cicatrizes que eles levariam para a terra quando voltassem do exílio. E as cicatrizes eram cicatrizes emocionais de sofrimento.

Mas também eram lembretes espirituais dos pecados cometidos antes de 587, que justificaram aquela terrível tragédia pela qual tiveram que passar. Na verdade, era espiritualmente saudável para eles lembrarem-se, olharem para aquelas cicatrizes, aquelas cicatrizes psicológicas, e lembrarem-se delas. Era algo espiritualmente saudável lembrar a história de mau comportamento que estava por trás da história de Jerusalém e nunca esquecê-la.

Lembro-me de um dos poemas de Rudyard Kipling com o refrão recorrente, para que não esqueçamos, para que não esqueçamos. E há muito o sentimento desta mensagem aqui. E deve haver arrependimento pelo passado.

E esse arrependimento incluiria elementos de vergonha e arrependimento que funcionariam como um impedimento contra tomar novamente os mesmos caminhos errados. E neste ponto, penso no Apóstolo Paulo, por causa da sua perseguição anterior aos cristãos, a certa altura ele chamou a si mesmo de o principal dos pecadores, ou o pior dos pecadores, 1 Timóteo 1.5. E ele nunca se esqueceu de como perseguiu aqueles cristãos. E a memória reforçou uma sensação de graça imerecida.

E foi um fator útil na sua contínua lealdade a Deus como apóstolo. E assim seria para os exilados. Assim seria com o povo de Jerusalém quando voltassem para casa.

Eles tinham sangue ruim em seu passado ancestral. E eles nunca devem esquecer isso. Jerusalém tinha raízes profundas no paganismo.

E eles tinham genes ruins que apareceram anos depois. Cuidado, cuidado, não deixe que isso aconteça novamente. E então há esse lado sombrio nesta mensagem de restauração.

Havia duas outras cidades que tinham má reputação em Judá. Uma era Sodoma e a outra era Samaria. E você aparece, se você fosse de Jerusalém, torceria o nariz mencionado de ambos.

Mas Deus, surpreendentemente, os coloca ao lado de Jerusalém. E então você acha que eles são ruins. Bem, e você? E você? E Ezequiel os chama de membros da mesma família.

Sodoma e Samaria são irmãs de Jerusalém. Elas eram as irmãs feias de Jerusalém. Mas, na verdade, Jerusalém revelou-se a mais feia de todas ao negar a sua fé e adoptar o paganismo.

Ela era a pior da família. Certo. E então tudo isso nos leva a 58.

E então a última parte do capítulo está em 59 a 63. E este é um pós-escrito para o capítulo. Ele olha para trás e tem um resumo generalizante.

Existem também outros pós-escritos semelhantes no livro. Em meu comentário, argumentei que esses pós-escritos foram acrescentados por editores mais tarde no exílio, que foram inspirados a adicioná-los às próprias palavras de Ezequiel. E este pós-escrito repete a necessidade de os exilados que regressaram se lembrarem do seu passado, não de uma forma paralisante, não os arrastando para baixo, mas como um meio de maximizar o seu sentimento de dívida para com a graça de Deus.

Imagine, depois de tudo isso, Deus nos perdoou e nos trouxe de volta. Os exilados nunca deveriam esquecer que eram pecadores salvos pela graça. E Deus também iria se envolver na lembrança.

Ele iria se lembrar de sua aliança de casamento original com Jerusalém e iria renová-la. E assim a velha tradição de Sião se tornaria realidade novamente. E de facto, como ilustração desta nova relação com Deus, os exilados, depois de regressarem, não só regressariam a Judá, mas também assumiriam os territórios de Samaria e Sodoma.

Eles seriam aquele velho Reino Unido mais uma vez. Jerusalém seria a capital de uma terra prometida que incluía estes terroristas. E mais uma vez, penso no que Paulo escreveu.

E novamente, está em 1 Timóteo 1, mas agora está no versículo 14. Paulo falou da graça que transbordou em sua vida. E ele fala isso como alguém que foi o pior dos pecadores, como ele disse no versículo 5 do mesmo capítulo.

Grace transbordou em sua vida. E há a mesma intenção aqui no final deste capítulo onde o pecado abundou e a graça deveria abundar ainda mais. E é aí que o capítulo nos leva.

Agora, resumindo, Ezequiel 16 não é um capítulo agradável de ler. É um capítulo perturbador. É chocante em sua explicitação sexual.

E eu te aviso, se você aprendesse hebraico, acharia isso mais chocante. As versões em inglês diminuem o tom. Os pênis não são mais mencionados em nossas versões em inglês, mas estão no texto em hebraico.

Certamente não é politicamente correto este capítulo para os leitores contemporâneos. O capítulo tem como pano de fundo os capítulos iniciais de Oséias. Lembre-se daquela ação simbólica de Oséias; ele disse para se casar, mas o casamento foi um fracasso.

E então fala-se em divórcio, mas eventualmente há casamento novamente. E assim esse cenário se desenrolou na vida de Oséias. E assim, há uma reminiscência e uma aplicação disso a Jerusalém e a ela, é muito mais desenvolvido como uma metáfora, mas as raízes disso remontam aos ensinamentos de Oséias, desde o reino do norte.

E a metáfora era falar desses altos e baixos no relacionamento entre Deus e Israel. É claro que Jerusalém se tornou o centro da metáfora, tanto porque Ezequiel foi sacerdote e viveu lá toda a sua vida, mas também por causa da ênfase contínua de que Jerusalém cairia, como aconteceu em 587. E este é o sinal do fim de tudo.

Quando Jerusalém cair, será o fim. A terra não existe mais, a monarquia não existe mais, o templo não existe mais, e tudo desaparece se Jerusalém for perdida. Agora, acontece que o que encorajou Ezequiel a pensar novamente em termos desta metáfora foi que em hebraico as cidades são sempre femininas.

As cidades são sempre femininas. E assim, de certa forma, foi bastante natural, em termos linguísticos, fazer de Jerusalém a companheira de casamento, a esposa de Yahweh. E também, Ezequiel poderia basear-se nas origens não-israelitas de Jerusalém, sendo uma cidade jebuseu por muito tempo antes de Davi conquistá-la.

Mas isso se ajusta e se presta à elaboração da metáfora. E também, no que diz respeito ao castigo da esposa, o adultério era uma ofensa capital na Torá, em Levítico 20 e Deuteronômio 22, e por isso há este terrível castigo executado contra Jerusalém. E este costume legal, este costume sacerdotal, encontra o seu caminho na metáfora à medida que esta se desenvolve.

Quando dissemos isso, ainda não gostamos do capítulo em geral, porque há um aspecto sinistro nele. Há uma ostentação violenta e de som vulgar que permeia tudo

isso, e definitivamente não é legal, e ninguém leria esses versículos na igreja. Mas histórica e teologicamente, tem uma ostentação necessária no seu próprio contexto.

Os exilados consideravam Jerusalém como a cidade de Deus, a santa habitação do Altíssimo . Deus estava no meio dela. Nunca seria movido.

Assim disse o Salmo 46, que lemos numa palestra anterior. Isto expressava o que chamamos de teologia de Sião. Ezequiel teve que quebrar esse paradigma tradicional, tão arraigado no pensamento judaico.

Isto, acima de tudo, deve permanecer. Jerusalém nunca deve cair. Para quebrar este paradigma, ele tem de usar outras tradições e costumes, e também uma linguagem chocante, uma linguagem flagrantemente chocante, para convencer os prisioneiros de guerra de que Jerusalém tinha de cair.

Sua queda foi uma inevitabilidade divina. O povo de Israel era geralmente tão tímido como os vitorianos ao falar sobre questões sexuais, e isso torna a linguagem de Ezequiel ainda mais flagrante na sua explicitação. Mas é um estratagema retórico para chocar os prisioneiros de guerra e fazê-los perder o seu otimismo e prepará-los espiritualmente para um desastre que se aproxima.

Ele precisava desesperadamente chamar a atenção deles e essa era a única maneira de fazer isso. Eles estavam tão endurecidos em seu próprio otimismo que ele teve de ser quebrado. Da próxima vez veremos os capítulos 17 e 19.

Este é o Dr. Leslie Allen e seus ensinamentos sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 7, Jerusalém condenada, mas eventualmente restaurada. Ezequiel 14:12-16:63.